



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



100

*Discurso na XXIII Reunião Ordinária do
Conselho do Mercado Comum e Cúpula
Presidencial do Mercosul*

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, EM 6 DE DEZEMBRO DE 2002

Esta etapa corresponde, segundo a nossa agenda, ao início das apresentações dos Presidentes. Estando eu na Presidência, permito-me iniciar os nossos debates, em primeiro lugar, reiterando os meus agradecimentos pela presença de todos, do Senhor Vice-Presidente da República, dos Senhores Embaixadores e dos Parlamentares.

Na circunstância, sendo esta a última reunião do Mercosul de que eu participo como Presidente da República, quero reafirmar a minha confiança nesse processo integrador e, quem sabe, fazer algumas reflexões sobre o futuro da nossa convivência regional.

Desde que fui Ministro das Relações Exteriores, em 1994, venho acompanhando com afinco, com interesse, as reuniões que, a partir do Protocolo de Ouro Preto, permitiram que chegássemos a uma definição que desse maior concretude ao Tratado de Assunção.

E, desde sempre, o nosso interesse foi reafirmado, em cada oportunidade, até mesmo pelo curso dos acontecimentos. Embora, em certos momentos, nós tenhamos visto dificuldades, ora num, ora noutró país, algumas controvérsias normais, no conjunto o que aconteceu, na nossa região, foi um processo de integração crescente.

Primeiro, a integração política e cultural, que não é de somenos, pelo contrário. Creio que em raros momentos nós vivemos, na nossa região, um período de tanta vontade de cooperação, de uma maneira tão espontânea, entre os nossos povos – que é o que conta – e entre os nossos dirigentes.

E se eu me recordar um pouco mais atrás, nos anos 50, quando uma boa parte dos aqui presentes sequer havia nascido, nós já sonhávamos com a existência da possibilidade de uma integração. Até mesmo antes disso. Mas, nos anos 50, com a ação da Cepal, com Raúl Prebisch e com tantos outros líderes da região, aqui no Brasil com Celso Furtado e com tantos outros, nós já sonhávamos com essa possibilidade, mas era muito remota.

Eu me recordo de que os primeiros encontros que tive com colegas de universidade da região foram ao final dos anos 50, e quase ninguém conhecia ninguém. Não obstante, desde aquela época, os laços de amizade começaram a crescer e, certamente, nas outras gerações, desde antes dessa época. Cresceram e nos obrigaram a nós, brasileiros, sempre que o protocolo permite, a arriscar um certo espanhol, porque fica mais fácil a compreensão. E pelo fato de tanto ouvirmos espanhol, independentemente de termos ou não cursado o espanhol nos colégios, aprendemos não só a entender, como a falar.

Isso mostra o quanto essa comunidade cultural é forte entre nós. Toda a vida houve influência de autores de uns países sobre os de outros. Ainda recentemente, numa visita a um dos países que me é o mais grato da região, o Chile, foi possível lançar um livro sobre Balmaceda escrito por um ilustre brasileiro, Joaquim Nabuco, que, no começo do século, refletia sobre o processo político chileno, com muita precisão, com uma capacidade aguda – para não falar da influência que sempre houve, no pensamento brasileiro, dos autores argentinos e uruguaios e vice-versa, pois houve sempre uma comunidade intelectual grande.

Mas hoje isso não acontece, apenas, em relação aos intelectuais mais preeminentes, hoje isso é uma prática cotidiana dos nossos estudantes, dos nossos professores, dos nossos pesquisadores. De modo que o que nós estamos realizando agora, como o Ministro Celso Lafer mencio-

nou, é o livre trânsito, é um passo que apenas vai concretizar uma prática. A prática, às vezes, é entravada pela burocracia, mas não pelo coração, não pelo espírito. Há essa busca crescente.

Acho que isso só já é o suficiente para mostrar o quanto nós avançamos, em termos de uma vontade de integração. Claro, hoje essa crença é muito forte, e aqueles como eu, e muitos dos aqui presentes, que sempre nos empenhamos por isso, podemos dizer, com tranquilidade, que nos empenhamos e que temos orgulho da trajetória de Assunção, de Ouro Preto e desses múltiplos encontros que tivemos, para terminarmos aqui, hoje – terminarmos não, para estarmos hoje, aqui, em Brasília.

Alguns problemas foram ficando pelo caminho, sem maior solução, mas muitos estão encaminhados. Por exemplo, a famosa solução de controvérsias, em que nós avançamos; os juízes arbitrais, em que estamos avançando; a necessidade imperiosa de termos – e cada vez que penso nisso, me lembro de quantas vezes escutei dos Presidentes do Uruguai, do Presidente Sanguinetti, e da Argentina, do Presidente Menem, a respeito disso –, de termos uma Secretaria dotada de maior vigor; demos um passo, a meu ver, ainda tímido, com uma Secretaria técnica, mas, a meu ver, ainda tímido, temos que avançar mais.

Avançar mais implica, efetivamente, alterar certas concepções que são muito enraizadas com força, força comprehensível e até necessária, na formação dos nossos Estados nacionais, que se formaram a partir de uma vontade, de uma afirmação de um pedaço do território da nossa região e, portanto, são guardas desse espírito. Os nossos homens do Ministério da Fazenda, do Itamaraty, das Forças Armadas foram evoluindo, pouco a pouco, de uma visão em que a soberania consistia em manter muito viva a noção de que o Estado nacional “decide e acabou” para uma noção em que se comprehende que o Estado nacional é e continuará a ser a expressão mais alta da soberania de um povo, mas que, quando esses povos começam a se entender, é preciso que existam também aí formas de aperfeiçoamento dessa visão, de tal maneira que se possa ter uma Secretaria que tenha algum caráter de supranacionalidade em certo tipo de decisão que tem alcance e que não sejam decisões apenas adjetivas, sejam decisões substantivas.

Essa tarefa está para ser feita ainda, mas já começou. Já existe hoje muito maior capacidade de negociação conjunta e de compreensão de que é preciso limitar certos ganhos momentâneos de um país em benefício de outros países, porque, no conjunto, queremos que todos os países se beneficiem desse processo.

Contei muitas vezes uma conversa que tive com o ex-Chanceler da Alemanha Federal Helmut Kohl, em que ele dizia como foi construída a relação na Europa, como foi importante a relação entre a França e a Alemanha e como a Alemanha, que era o país mais populoso, o país de maior riqueza quanto ao Produto Interno Bruto, teve que fazer mais concessões – diz ele, não sei se os franceses dirão a mesma coisa – do que os outros países. Assim eu sempre encarei a relação do Brasil com a Argentina aqui na nossa região, porque somos os países mais populosos, com um Produto Bruto maior, e temos, em conjunto, que acomodar os interesses dos nossos parceiros. Claro que, como temos parceiros da impetuosidade do Chile, nós é que vamos pedir ao Chile, humildemente, que se acomode aos nossos interesses. Mas acredito que esse é o espírito que tem que prevalecer na construção desse cometimento histórico no qual nós todos estamos envolvidos.

Por certo, não precisamos aqui repetir o que cada um sofreu na pele nas últimas décadas. Os processos econômico-financeiros, com a globalização, com as dificuldades de financiamento, têm sido, às vezes, dramáticos e têm, muitas vezes, prejudicado o ímpeto da nossa construção regional. Mas a tal ponto têm sido reiterados esses momentos de dificuldade que aprendemos a conviver com eles. E a verdade é que nós, hoje, temos uma larga experiência de sobreviver na crise. Creio que isso também é um ganho. É um ganho que estamos, de alguma maneira, construindo em conjunto, infelizmente, porque, quando não há uma turbulência maior num país, há no outro. Sabemos que mais ou menos as raízes são as mesmas. E os que estão no Governo há mais tempo, como é o caso de alguns de nós aqui, têm também a convicção otimista de que, por mais forte que seja a turbulência, ela passa. Ela passa e os países continuam; temos, portanto, que olhar a mais longo prazo, a mais médio prazo, que olhar num dado momento. Podemos, sim, refre-

ar, muitas vezes, os ímpetos de uma integração mais rápida, mas não podemos deixar de andar no mesmo rumo, no rumo dessa integração.

É claro que os desafios maiores, hoje, não são nem os políticos; os desafios maiores estão no plano comercial, estão no plano do crescimento econômico, estão no plano dos investimentos, estão no plano dos acordos que temos que fazer para não só permitir essa integração, mas para que tenhamos condições, num processo mais amplo, que é o da chamada globalização, que esta região tenha mais força para colocar suas pretensões, que são legítimas, com maior capacidade de implementação.

Nesse sentido, creio que não só – infelizmente ainda não foi possível concluir o processo da formação de um mercado comum – foi possível manter áreas de livre-comércio, mas também a importância de entender qual é o significado da Tarifa Externa Comum, que é para não perdermos, nunca, de vista, que nós queremos, realmente, uma integração mais profunda, no Mercosul e com os países, a Bolívia e o Chile.

Importante é o sinal que está sendo dado neste nosso encontro – e o Ministro Lafer se referiu a ele – de um acordo quadro com o Bloco Andino. Esse acordo vai permitir, com flexibilização, que, num prazo curto, nós tenhamos, efetivamente, um processo integrador mais vivo.

Não se deve diminuir a importância desse acordo quadro, e a mim me apraz, imensamente, a presença dos representantes dos países do Bloco Andino, porque é um antigo sonho do Mercosul fazer essa ligação com o Bloco Andino.

Se, agora, definimos um acordo quadro, com uma certa amplitude e flexibilização, é para permitir que, no prazo curto de um ano, nós possamos avançar mais. E alguns acordos bilaterais já estão praticamente feitos, sem mencionar o fato de que, bilateralmente, nós já tivemos acordos, não só do Brasil com o Chile e com o México, como também do Chile com vários países, da Argentina com vários países, do Uruguai. Enfim, estamos tecendo uma rede de interesses e de valores, e esta rede está permitindo um acrescentamento dessa idéia fundamental da construção político-econômica do Mercosul.

Acho que, agora, com esse acordo e com a integração crescente da Corporación Andina de Fomento, a CAF, com o BID... a Corporación Andina de Fomento se dispôs a ajudar no financiamento dos processos de infra-estrutura física, que são integradores, e se dispõe, até mesmo, a participar do CRC, ou seja, dos mecanismos de garantia de trocas, através dos bancos centrais ou dos bancos de desenvolvimento. São dados muito concretos: a fusão eventual do Fonplata com a CAF. O Brasil está ampliando a sua participação nesses órgãos, aportando mais recursos. Quer dizer, estamos criando as instituições financeiras, nossas, capazes de garantir a continuidade do processo integrador.

Acredito, portanto, que mesmo agora, nessa reunião de Brasília, com todas as dificuldades já sabidas e conhecidas, pelas quais muitos dos nossos países estão passando, estamos avançando.

E saúdo, também, com muito empenho, a presença dos países que têm a ventura de contar com o mar Caribe beijando suas terras, saúdos por estarem aqui presentes, porque, para mim, esse processo há de alcançar o conjunto da região da América do Sul.

Claro, o Ministro Lafer se referiu, e, certamente, muitos dos senhores farão referência, ao que vou dizer agora: nós temos alguns desafios em conjunto, que são os grandes desafios. Nós temos o desafio da negociação com a União Européia, do Mercosul com a União Européia. O Chile abriu o caminho, numa negociação frutífera com a União Européia. E os senhores todos sabem, as senhoras também, que eu sempre apoiei as ações dos países, individualmente, quando eles avançam no seu interesse, desde que respeitem o marco geral e mantenham o espírito ativo de integração mais global. Sempre apoiei.

Acho, simplesmente, que o Chile abriu um caminho e que nós temos que avançar nesse caminho da discussão com a União Européia. Não há uma discussão comercial fácil. Não há discussão comercial em que as partes se sentam à mesa simplesmente para aplaudir umas às outras, não. Elas se sentam à mesa para buscar o máximo de vantagem para cada lado. O importante é saber se, no conjunto dessas vantagens, uma não paralisa a outra, e se é possível chegar a um denominador comum que signifique um avanço para a região.

Não tem sido fácil a negociação com a União Européia. E não tem sido fácil porque existem, aí, choques efetivos, de interesse, sobretudo na parte agrícola, que são verdadeiros. Mas, a despeito disso, nós vamos continuar batalhando por esse acordo com a União Européia.

Da mesma maneira, estamos já entrando na fase mais desafiadora da negociação, no âmbito da Alca. Nossa posição sempre foi de que teríamos mais força, nessa negociação, se o Mercosul estivesse mais fortalecido e se nós pudéssemos negociar em bloco, Mercosul com a Nafta, na formação da Área de Livre-Comércio.

Não nos iludamos: esse processo de integração hemisférica está avançando pelas bordas. Ao dizer “pelas bordas”, não estou desqualificando o avanço, estou dizendo, simplesmente, que países da América Central, países do Caribe, países da América do Sul, têm encontrado brechas para terem acesso ao mercado do Canadá, dos Estados Unidos, para não falar do México, que já está lá, integrado.

Esse é o processo negociador mais desafiador que temos pela frente, cheio de percalços, cheio de dificuldades. Mas também não podemos menosprezar a nossa capacidade técnica de saber onde está o nosso interesse negociador, de conversar com seriedade, e político, de buscar a força necessária para que essas negociações sejam realmente válidas e vantajosas.

Acho, portanto, que o papel dessa integração sub-regional é fundamental para que possamos avançar mais na integração da Alca. É diferente. A Alca é um tratado de comércio. Aqui, estamos discutindo até mesmo a eventualidade, no futuro, de uma moeda comum, no caso do Mercosul, o que se tornou talvez menos distante em função dos azares da vida, que levaram os nossos sistemas cambiais a se assemelhar mais uns aos outros, mas que não pode ser ponto de partida. Só pode ser ponto de chegada, depois, de uma enorme disciplina macroeconômica, depois do estabelecimento de regras mais ou menos já enraizadas no comportamento e, portanto, na cultura dos países. Há de ser um resultado e não convém colocar como objetivo inicial aquilo que só tem sentido quando é final. Mas idéia de que se tenha em vista uma moeda comum é importante, porque ela mostra que estamos dispostos, tam-

bém, progressivamente, a ir avançando, numa disciplina macroeconômica, numa mesma direção que nos permita, no futuro, a definição de objetivos comuns de política cambial, de política monetária, enfim, desse conjunto de decisões que hoje faz parte do dia-a-dia da nossa ordem econômica.

Certamente, não é isso o que se discutirá com a Alca. Com a Alca, vamos tratar de comércio, mas é um tratado de comércio importante. E nós sabemos, como eu disse e é do conhecimento de todos, que vamos encontrar um caminho de dificuldades e não de facilidades, porque os interesses podem se chocar, e se chocam. No caso de um país como o Brasil, que é um país razoavelmente industrializado, temos, além do contencioso agrícola, que talvez seja menor até no caso com os Estados Unidos do que com a Europa, o contencioso industrial, que é pesado. E temos os nossos interesses na área dos serviços e também na área de compras governamentais. Enfim, trata-se de uma conversa adulta, de uma conversa entre países que sabem da sua importância, das suas limitações, mas que têm capacidade de delinear um futuro que seja de maior proveito para cada um dos nossos países.

Não acho que devamos entrar nessas negociações com medo, devemos entrar com firmeza, com consciência. E nós vimos, também, novamente, a experiência do Chile, que mostrou como é complicado, como custa um trabalho enorme que as negociações possam chegar a um bom termo.

No meio de tudo isso, talvez as questões mais angustiantes – e tampouco preciso repetir muito o de que todos sabemos – são aquelas que não dizem respeito diretamente ao comércio, mas são as questões financeiras, as questões de investimento, que são muito complexas.

Já estamos calejados, já estamos cheios de rugas na testa, marcas de ver as dificuldades financeiras. Há uma relação óbvia entre a expansão do comércio e a diminuição das aflições financeiras. Quem não entender isso não entende a essência do processo que está em jogo no mundo. Se não resolvermos as questões de comércio, vamos ficar atados às nossas dificuldades financeiras. A recíproca não é verdadeira. Podemos, eventualmente, resolver as questões financeiras de um momento e, em

seguida, não termos como expandir, pela falta de um dinamismo nas relações comerciais. De modo que a importância desse cometimento comercial, negocial, é imensa mesmo.

Agora, isso não significa que a parte propriamente financeira não deva requerer de nós uma compreensão maior. Nas décadas que vêm, temos que marchar firmemente para a formação de focos de financiamento doméstico. Doméstico não quer dizer de cada país, quer dizer da região. Nós precisamos avançar nessa direção, direção essa em que é difícil avançar, mas em que é possível avançar. Depende, evidentemente, de muitas variáveis, mas é óbvio que países da importância dos nossos, na região da América do Sul, precisarão crescentemente de ampliar a formação de capital, a sua capacidade de verificar os mecanismos mais adequados de financiamento de longo prazo, o que garantirá uma maior autonomia, digamos assim, de maneira direta, maior autonomia ao nosso processo decisório.

Fora disso, temos restrições que não são impostas pela nossa falta de vontade de uma ação mais autônoma, mas são restrições impostas pelas circunstâncias, que nos levam, a cada instante, a estar aí, a ter de ajustar as nossas contas internas, em função de objetivos mais amplos, do processo internacional.

E, nessa área, comentava há pouco e reitero aqui: o mundo está passando por uma transformação, numa velocidade enorme, e essa transformação talvez não tenha, ainda, condições de ser, sequer, equacionada pelos países mais poderosos.

Continuam os fluxos de capitais a circular, com uma velocidade incrível e com muita liberdade. E continuam as instituições internacionais a ser fracas, diante do tamanho do desafio.

Mencionava há pouco, em conversa com os Senhores Presidentes, que, no momento em que o Brasil recebeu 30 bilhões de dólares do Fundo Monetário Internacional, mais 6 bilhões de dólares do Banco Interamericano e do Banco Mundial, portanto, 36 bilhões de dólares, o chamado “mercado financeiro” olhou para essa imensa quantidade de recursos e ficou dizendo: “Não, não é isso que falta. Falta credibilidade, que deriva de saber como vai ser a política econômica do futuro.” Isso,

no passado, seria impensável, porque a chancela do Fundo Monetário e o montante de recurso que, aí, é bastante onerado, seriam suficientes para acalmar os mercados. Não foram.

Temos a contrapartida, essa curiosa, da Argentina, que não teve esse apoio, pois, não obstante isso, os mercados não atuaram senão de uma maneira, digamos, semelhante àquela com que atuaram com outros países que tiveram esse apoio.

Isso, digo para ressaltar o quê? Que as instituições internacionais, as mais fortes, são fracas. E, se quiserem um dado adicional sobre o papel dessas instituições, basta me referir ao fato de que o Banco Mundial, na sua carteira de empréstimos, empresta mais ou menos a mesma coisa que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico do Brasil empresta aos brasileiros. E, agora, estamos abrindo uma possibilidade de emprestar, também, no exterior, para os brasileiros que estejam investindo.

Ora, se aqui os empresários se queixam de falta de financiamento, imaginem o mundo, quando o Banco Mundial dispõe dos recursos, cerca de 10 bilhões de dólares, anualmente.

Isso mostra, portanto, que o mundo cresceu de uma maneira imensa, que as forças produtivas tiveram um impulso enorme, que a acumulação financeira foi muito mais depressa ainda e que as instituições internacionais são as mesmas de 1946, de 60 anos, quase. Não é possível continuar assim.

Esse desafio não é do Mercosul, é geral. Mas afeta o Mercosul, afeta a nossa integração; e nós, creio eu, devemos, como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, devemos continuar repetindo o disparate do mundo contemporâneo, que não foi capaz de gerar instituições que permitam fazer frente a esses desafios.

Bom, creio que já falei além do que é razoável para uma abertura de debates. Quero, simplesmente, sem repetir o que já disse o Ministro Celso Lafer, que fez uma apresentação sintética mas muito objetiva do que foi feito nesses seis meses, ao reafirmar a minha confiança no Mercosul, dizer que, do ponto de vista do Brasil, a continuidade desses processos é fundamental e ela existirá.

O Presidente eleito declarou, recentemente, que é preciso tratar o Mercosul com o coração, o que mostra o seu sentimento afetivo para com o Mercosul, que não é diferente do nosso sentimento para com o Mercosul.

Eu acrescentaria: "Mas também com a razão". Porque, senão, não teremos condições de levar adiante o de que precisamos fazer, que é uma política coordenada, equilibrada, firme, que saiba do que se trata, que conheça o mundo e que, ao conhecer o mundo, saiba que nós temos possibilidade de ampliar os nossos espaços nesse mundo.

Mas tenho uma convicção, a partir, portanto, do que já foi dito pelo novo Presidente: que o Brasil não vai mudar o seu posicionamento em face do Mercosul. Continuará sendo um país que acredita no Mercosul, acredita na necessidade da integração da América do Sul, acredita na importância desse pacto, também, com os países andinos e que sabe, uma vez mais, que temos que manter o mesmo espírito que presidiu a formação da União Européia.

Não se trata de criar uma fortaleza contra terceiros, senão de criar condições para que tenhamos uma participação mais segura no conjunto do mundo e para que o conjunto do mundo possa sentir-se seguro, também, quando estiver em relação com essa parte do mundo da qual nós participamos e temos o orgulho de ser parte.

Muito obrigado. Peço desculpas por ter falado demasiado. E peço ao Presidente do Paraguai que se manifeste em seguida.